



**Vitorino  
Nemésio**

Ondas Médias

O Segredo  
de Ouro Preto  
e Outros Caminhos

Este é o primeiro volume da série Crónica da Obra Completa de Vitorino Nemésio. Com esta edição, destinada a um público vasto, em que cada volume é revisto e apresentado por um especialista na matéria, a Imprensa Nacional e a editora Companhia das Ilhas dão um contributo decisivo para a divulgação e o conhecimento da obra de um dos escritores que ficarão para a história da literatura portuguesa do século xx: Vitorino Nemésio.

Imprensa Nacional  
é a marca editorial da **INCM**

Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.  
Av. de António José de Almeida  
1000-042 Lisboa

[www.incm.pt](http://www.incm.pt)  
[www.facebook.com/ImprensaNacionalprelo.incm.pt](https://www.facebook.com/ImprensaNacionalprelo.incm.pt)  
[editorial.apoiocliente@incm.pt](mailto:editorial.apoiocliente@incm.pt)

Companhia das Ilhas  
Rua Manuel Paulino de Azevedo e Castro, 3  
9930-149 Lajes do Pico

[www.companhiadasilhas.pt](http://www.companhiadasilhas.pt)  
[www.facebook.com/companhiadasilhas.lda.9](https://www.facebook.com/companhiadasilhas.lda.9)  
[companhiadasilhas.lda@gmail.com](mailto:companhiadasilhas.lda@gmail.com)

© Companhia das Ilhas  
e Imprensa Nacional-Casa da Moeda

**COLEÇÃO**  
Obra Completa de Vitorino Nemésio

**TÍTULO**  
Ondas Médias. Biografia e Literatura  
O Segredo de Ouro Preto e Outros Caminhos

**AUTOR**  
Vitorino Nemésio

**DIREÇÃO LITERÁRIA**  
Luiz Fagundes Duarte

**DESIGN E CAPA**  
Rita Múrias | Paulo Barata

**EDIÇÃO, REVISÃO E PAGINAÇÃO**  
Imprensa Nacional-Casa da Moeda  
e Companhia das Ilhas

**IMPRESSÃO E ACABAMENTOS**  
Imprensa Nacional-Casa da Moeda

**1.ª EDIÇÃO**  
Dezembro de 2019

**ISBN**  
978-972-27-2740-2

**DEPÓSITO LEGAL**  
448 257/18

**EDIÇÃO**  
1023063

# Vitorino Nemésio

Obra Completa

Crónica  
I

Ondas Médias  
Biografia e Literatura

O Segredo  
de Ouro Preto  
e Outros Caminhos

Edição  
de Cláudia Cardoso

Imprensa Nacional · Companhia das Ilhas  
Lisboa · Lajes do Pico  
2019

## Nota editorial

O volume que o leitor encara neste momento reúne, por decisão editorial, duas obras resultantes da compilação de dispersos organizada por Vitorino Nemésio. Com este traço em comum, estes livros não poderiam, no entanto, afigurar-se mais distintos. *Ondas Médias* é o resultado da colaboração assídua e relativamente longa do escritor com a Emissora Nacional, através de crónicas radiofónicas, isto é, escritas para serem lidas e ouvidas aos microfones da Emissora Nacional. *O Segredo de Ouro Preto e Outros Caminhos*, por sua vez, compila crónicas de viagem, a primeira ao país-irmão, e combina-as com poesia de feição brasileira, resultante da comoção inevitável do escritor com a outra margem lusa do Atlântico.

*Ondas Médias* regista textualmente os primeiros acordes voláteis do grande comunicador através das ondas hertzianas, mais tarde confirmados no palestrante do programa televisivo «Se bem me lembro». A ironia que o título indicia, sugerindo uma inevitável mediania, tem lastro posterior com o autor a considerar que «estas palestras, escritas para o microfone da Emissora Nacional de Radiodifusão, levam no título hertziano de ‘ONDAS MÉDIAS’ uma intenção simbólica da sua radical mediania»<sup>1</sup>. Trata-se, portanto, de palestras literárias, emitidas no início dos anos de 1940, no contexto de uma Europa em guerra, num país em plena ditadura, dominado pelo medo e pela censura, e dirigidas a um público debilmente habilitado à sua integral descodificação. Porém, este público fiel ouvia atento crónicas que, na sua essência, recuperam figuras da história e da cultura nacionais, contrariando tendências e modismos e

1 Veja-se adiante, p. 19.

até, provavelmente, o interesse dos ouvintes. A questão não era o assunto, era a forma. Como comunicador, Nemésio gerava interesse mesmo sobre o mais desinteressante assunto, na emissão radiofónica no «Ciclo de Cultura Popular», superando em audiência as «Conversas em Família» de Marcello Caetano, entre 8 de janeiro de 1969 e 28 de março de 1974. As emissões prolongaram-se entre 26 de abril de 1942 e 15 de novembro de 1944, pelo menos, de acordo com os carimbos da emissora nos originais datilografados pelo autor; por mais de dois anos, portanto. Sabe-se que eram transmitidas entre as 9 e as 10 h 30 m da noite, primeiro às terças e quartas e depois aos domingos, num registo franco, quase confessional do autor, como se verifica em sucessivas passagens:

Agora contarei, em louvor do jornalismo e das horas de ócio de que o acusam, como é que, tendo-me levantado sob o agulhão deste meu dever das quartas-feiras (e sem assunto, ó céus!), abri o jornal [...].<sup>2</sup>

Através deste novo meio de difusão, Vitorino Nemésio promovia a revisão biográfica, o pendor didático, informações pessoais e curiosidades sobre as grandes figuras da literatura, da cultura e da história, velhas admirações com que contaminava os ouvintes no apreço pela cultura portuguesa. Constituiriam cerca de quarenta conversas ao microfone, debitadas a partir de um texto prévio, veiculando balizas temporais para situar os ouvintes.

Em 1945, quando publica *Ondas Médias*, o autor tem 44 anos e uma carreira consolidada na Universidade, tendo obtido o grau de professor catedrático três anos antes; recebe, neste ano, o Prémio Ricardo Malheiro da Academia das Ciências de Lisboa; e publica a segunda edição de *Mau Tempo no Canal*. Nove anos depois, em 1954, quando publica *O Segredo de Ouro Preto e Outros Caminhos*, dá-nos conta do fascínio pelo irmão-

2 Veja-se adiante, p. 31.

## Advertência

Estas palestras, escritas para o microfone da Emissora Nacional de Radiodifusão, levam no título hertziano de «ONDAS MÉDIAS» uma intenção simbólica da sua radical mediania. Feitas de impressões e de reminiscências, mais do que de juízos, o seu carácter conversado e periódico tirou-lhes alguma solidez que a matéria pedia, e que a meditação a que o autor profissionalmente a sujeita talvez fizesse esperar.

Ainda assim, estão aqui pontos de vista críticos e perfis pessoais que talvez valha a pena recordar por escrito a um público que quase conversou sobre eles com o próprio autor. O acolhimento benévolo dos ouvintes da rádio a estas palestras é, em última análise, o principal responsável por este livrinho à Montaigne, «ondulante e diverso», — mas de uma ondulação e diversidade efémeras.

23.IV.1945.

## UM PUNHADO DE TROVADORES

Ser trovador, lá pelo século XIII, era levar boa vida. Eu não sei se realizamos bem o que seria o século XIII, sem carlingas, sem rádio, sem a vitamina B... O serviço militar, nem voluntário nem obrigatório, confundia-se quase com a caça. Ia-se ao «fossado» e à «presúria» como quem ia ao monte. No monte armava-se ao porco-bravo; no «fossado» caçava-se o mouro perro. Ainda há dias uns caçadores do Norte tiveram uma vaga amostra do poder das navalhas de um javali nas pernas; mas isso não chega (está claro!) para uma intuição do século XIII.

Podemos imaginar o que seria a costa da Vieira e de Muel com as sementes do Pinhal ainda no regaço da Rainha Santa ou na aljubeta de D. Dinis, os pântanos por secar, o Castelo de S. Jorge sem a vizinhança dos Estudos Gerais, e, com mais forte razão, Coimbra sem capas e batinas. Mas os mosteiros com freiras de barbete branca no queixo? viúvas retiradas deste mundo? gafos nas gafarias ou de badalinho ao pescoço? judeus de estrela amarela (talvez por ora não...) e barcas no «ler» de Lisboa antes dos estaleiros da CUF?

Lamento sobretudo as raparigas que me oiçam. Calculo que não haja nenhuma Aldonça no número, nem D. Mor, nem Mafalda. Mas o esforço que lhes peço para a intuição de outra idade ainda me parece mais violento que a imaginação de uns nomes de pia de batismo (alguns dos quais sempre podem voltar ao batistério

por capricho literário dos padrinhos), se essas tiverem de supor que hão de dar amanhã aos seus apaixonados, à saída de uma casa de chá ou de um *cocktail*, as «garçetas» caídas nas mãos do cabeleireiro no dia da *mise-en-plis*, ou algum adminículo de indumentária íntima comprado na Pompadour. Ela por ela... Acaso as raparigas galegas e minhotas de 1244 saberiam dar razão da «permanente» e do *soutien-gorge*?...

Rica vida essa, a de trovadores, segréis, jograis e «amigas» «ben talhadas!» Os trovadores propriamente ditos, gente da boa roda, esses já tinham na sua condição social o divertimento e o vagar; — a qualidade de trovador tornava-lhes o êxito mais fácil: não lhes mudava a pele. Mas um «segrel», «home de segre» ou do século, — paisano, futrica, Pires, Possidónio... — como havia de entrar na *haute gomme*, andar com infantes e senhores, se não fosse o milagre da «cobra» rimada e da «palavra perduda» ou verso à procura da rima, do «dobre» e do «mordobre», enfim das cem maneiras de cantar de amigo e de amor, rivais de outras tantas de fabricar o *cup*?

Mas os mais felizes de todos eram talvez os jograis, — bobos sem guizo, vagabundos autorizados, de citolão às costas, cabacinha no bordão a caminho de Santiago ou S. Leutér, portadores do saco invisível de cantigas que lhes rendia a manutenção e as noites bem passadas. É verdade que corriam o risco de apanhar com a cítola na cabeça, como o jogral Lourenço ameaçado pelo trovador Guilhade; mas eram incidentes sem importância, cavacos do ofício... A Estrela da Manhã luzia-lhes nos olhos regalados ao cabo das noitadas cheias.

Se o trovador era quase sempre um homem de condição elevada, o segrel era um cavaleiro vilão, às vezes pouco acima do povo. O jogral era um clérigo de costumes livres, e, em todo

o caso, um indivíduo humilde que se tornava notável pela verve, por dons de mímica e de estúrdia. Sendo a espécie «segrel» relativamente rara na escala trovadoresca, dominava rivalizando com o trovador e o jogral. O trovador era, por assim dizer, o poeta sedentário, que compunha por desenfado, e, se tinha costela de príncipe ou de grande senhor — como o rei D. Dinis, seu filho Afonso Sanches, D. João de Aboim e D. João Soares Coelho, — distribuía temas de amor, de amigo e de escárnio pelos poetas menores que lhe andavam à roda. Mas «segréis» havia que também tinham o luxo de algum jogral apaniguado, e certos burgueses ricos chegavam à dignidade de trovador, como parece ser o caso de João de Guilhade.

As duas classes poéticas e sociais, — trovadores e jograis, — tão ligadas na vida e na arte trovadoresca, chocavam-se afinal nos costumes, nas preferências, nos ciúmes literários e nos ciúmes de amor.

D. João Soares Coelho, por exemplo, era um fidalgo da corte de D. Afonso III, seu companheiro de armas na conquista do Algarve. Parece que no reinado anterior, brigado com o rei, correrá Espanha e França, aprendendo com o trovador Sordelo de Mântua os requintes da arte provençal de fazer versos. Em suma: um cosmopolita... Deixou mais de cinquenta poesias, — matéria para o infalível livrinho de todo o português sensitivo. Para descansar das suas «coitas» de «amigo» choroso como todos os «amigos» desse tempo, fazia cantigas satíricas, e dessas composições de despiques a que se chamava «tenções». É aí que D. João Soares Coelho mete a ridículo um certo João Fernandes, que, apesar de moiro autêntico, se fazia passar por cruzado, como mais de dois séculos depois alguns marranos ou conversos se faziam zeladores da fé com piores entranhas que o mais acirrado inquisidor. Mete-se também

# I

## «DA CAPO»

### A PERO VAZ<sup>1</sup>

Quem está à borda de água sonha bem mais do que lê... E, assim, apetece-lhe ler do que sonha e que a vastidão impulsiva ou serenada do mar lhe sugere e segreda. Um lugre bacalhoeiro que rompe o horizonte, regressando, é a única imagem hoje possível das naus que voltavam de «achar». Lá vem com um deles a sombra do navio em que voga Pero Vaz de Caminha... Sentimo-nos vagamente guardas aduaneiros ou pilotos da barra. Pedimos-lhe os papéis de bordo. Em qualquer português vive facilmente a pena de não ter achado o Brasil...

A carta de Pero Vaz de Caminha ao rei D. Manuel sobre o «achamento», descoberta por Seabra da Silva em 1773 e revelada em 1817 pelo P.<sup>e</sup> Aires do Casal, é um precioso documento da historiografia portuguesa. Mas estes nomes cheios de goma oratória, tais como «admirável», «precioso», «monumental», etc., já têm pouca autenticidade a exprimir. São palavras impuras.

Como aquilo a que em história se chama «fonte», a carta de Pero Vaz foi largamente explorada por investigadores diversos, desde o grande cabouqueiro da história do Brasil, Varnhagen, aos trabalhos de estabelecimento diplomático e filológico do texto

1 Este texto é, com ligeiras alterações, o mesmo que Nemésio já integrara em *Ondas Médias* com o título «A Carta de Pero Vaz de Caminha» (veja-se atrás, pp. 69-74). [NE]

empreendidos por Carolina Michaëlis, pelo erudito Dr. António Baião e principalmente, no campo linguístico, pelo ilustre Prof. Carlos Simões Ventura.

Certamente que aos graves estudiosos não era indiferente o encanto que se desprende da carta, independentemente do seu alto interesse informativo sobre a abordagem portuguesa da Terra de Vera Cruz.

Mas o valor universalista do escrito de Pero Vaz de Caminha e o seu lugar no tesouro da nossa literatura de roteiros e de viagens foram tratados mais especialmente por Manuel de Sousa Pinto, por Carlos Malheiro Dias e, por último, numa visão integral e aguda dessa pequena maravilha, por Jaime Cortesão.

A carta é, como se sabe, o minucioso relato da expedição de Pedro Álvares Cabral na primavera de 1500 e do conseqüente «achamento» (como diz Pero Vaz) de uma «terra nova», batizada com o nome da Vera Cruz. As naus de Cabral — treze! feliz azar para a empresa! — largaram de Lisboa no dia 9 de março, com rumo às ilhas Canárias. Cinco dias de rota; um dia de calma podre a sota-vento de Tenerife; mais oito de suave singradura descida a Cabo Verde — e ei-los à vista de São Nicolau, a 22. Mas, no dia seguinte (triste noval! parecia, afinal, que o número 13 cumpria o seu velho fadário!), o mar engoliu a nau de Vasco de Ataíde, procurada em vão. Na «terça-feira de oitavas de Páscoa» «topámos alguns sinais de terra» — diz Caminha. Esses sinais eram, a 21 de abril, tiras e tiras de plantas vesiculares, destas que engrinaldam os mares e alegram quem os atravessa. Caminha designa-as por «ervas compridas», «a que os mareantes chamam botelho», talvez porque as vesículas com que se apresentam à tona de água parecem garrafinhas.

Enfim, na manhã de 22, bandos de fura-buchos vinham quase abater-se sobre as vergas das naus de Cabral, cujas quilhas iam

ficando cada vez menos longe dos baixos fundos brasileiros em volta dos ilhéus Abrolhos.

Desde as três da tarde de 22, capitães, pilotos e tripulantes, o mais que podiam chegando-se às bordas de vante, ou trepando (quem era de condição para isso), avistaram um monte redondo, alto, coroando um sistema de serras estendidas para o sul e sopeadas de «terra chã, com grandes arvoredos». Cabral, que era cristão e tinha o calendário presente, chamou àquele mamilho o «Monte Pascoal» e pôs a «terra nova» à sombra da invocação da Vera Cruz, — esforço afinal baldado, tão certo é os homens impressionarem-se mais com o que uma terra rende (neste caso, o pau rubro de brasa, o pau «brasil») do que com a delicadeza de alma de um capitão que marca o seu «achamento» com o símbolo da Redenção.

Eram 24 de abril quando as naus de maior bordo ancoraram a uma légua do recife de Porto Seguro, em fundo de nove braças. E foi só ao outro dia, com a segurança do sol-nado, que mudaram o ancoradouro mais contra terra e a menos fundo, passando a boca da barra. Mas desde 23 que estavam em contacto com indígenas. O mar quebrava na costa; não podiam estar à fala muito tempo. Um sueste rijo e picado de aguaceiros obrigou a armada a rumar ao norte, costeando em busca de abrigo e de frescor. Foi então que, coisa de dez léguas singradas, encontraram o recife que atalaiava o porto conveniente, o porto de salvação.

Pero de Andrade Caminha conta com frescura e alvoroço esse encontro de Cabral e dos seus homens com a gente da terra. Os navios mais pequenos, ancorando mais perto, puderam contar sete ou oito homens que discorriam pela praia. Este divisar de pouco fôlego vivo numa costa coberta de arvoredo ajuntou os capitães na nau do capitão-mor com uma rapidez e um sentimento que seria curioso reconstituir, se estas coisas pudessem tratar-se retrospe-

## ÍNDICE GERAL

Nota editorial, 7

### ONDAS MÉDIAS. BIOGRAFIA E LITERATURA

Advertência, 19

Um punhado de trovadores, 21

Alfange, 29

D. Duarte, 35

Dois cativos, 41

O Condestável D. Pedro de Portugal, rei de Aragão, 47

Dois homens do povo I — Fernão Lopes, 57

Dois homens do povo II — Gil Vicente, 63

A *Carta* de Pero Vaz de Caminha, 69

Damião de Góis, 75

Gaspar Frutuoso, 83

Anchieta, 89

Fr. Tomé de Jesus, 97

Fr. Heitor Pinto, 105

O capuchinho da Arrábida, 113

A Fénix Renascida, 119

Poetisas do século xvii, 125

O Cavaleiro de Oliveira, 133

Correia Garção, 141

Tolentino, 147

Gonzaga, 155

Bocage, 163

Filinto Elísio e Bocage, 171

João Xavier de Matos, 177

Os primeiros amores de Garrett, 183

Garrett e Herculano, 189  
Herculano, 197  
Dois centenários românticos: *Frei Luís de Sousa* e *Eurico*, 201  
Memorialistas do século XIX — O Marquês de Fronteira, 209  
Camilo, 215  
Maria Browne, 221  
Soares de Passos, 231  
Bulhão Pato e os sábados da Ajuda, 237  
Júlio César Machado e os folhetinistas, 245  
Júlio Dinis e Eça de Queiroz, 251  
Guerra Junqueiro, 257  
Júlio de Castilho e Anselmo Braamcamp Freire, 267  
O poeta Fausto Guedes Teixeira, 275  
O *Só* de António Nobre, 283

## **O SEGREDO DE OURO PRETO E OUTROS CAMINHOS**

### **ANTELÓQUIO, 293**

I — «Da Capô» a Pero Vaz, 295  
II — A colónia portuguesa, 301  
III — Os homens dos livros, 307  
IV — A identidade e a diferença, 317  
V — A casa e a cidade, 323  
VI — As resistências, 333

### **JORNADAS CARIOCAS, 339**

I — A primeira visão do Rio, 341  
II — A Senhora da Glória do Outeiro, 347  
III — O Espírito Santo do Encantado, 353

### **JORNADA PAULISTA, 361**

I — Jornada paulista, 363

### **JORNADAS BAIANAS, 369**

I — O primeiro «cliché» da Baía, 371  
II — A Rampa do Mercado, 377

- III — Reincidência, 381
- IV — Noite de S. João, 387
- V — Intimidade, 395
- VI — A lição ao reinol, 401

**O SEGREDO DE OURO PRETO, 409**

- I — No cemitério de Santa Efigénia de Ouro Preto, 411
- II — Vila Rica, 415
- III — O segundo contacto, 421
- IV — Salva a tua alma!, 427
- V — As ruas desertas, 433
- VI — Catas mortas, 439
- VII — Montes e cifras de Minas, 447
- VIII — Adeus a Sabará, 453
- IX — Congonhas do Campo, 459
- X — O encontro dos profetas, 465
- XI — A «Ceia» do Aleijadinho, 471
- XII — O casamento de Ouro Branco, 477
- XIII — As ruas de Mariana, 483
- XIV — Porciúncula ao Curral de El-Rei, 489
- XV — De rumo ao Itambé, 495
- XVI — Do Mato Dentro ao Serro, 501
- XVII — Diamantina, 507

**CODA, 513**

- I — A dodecápole, 515
- II — O regresso, 521

Plano da coleção, 529

Editora deste volume, 535

## **Editora deste volume**

### **Cláudia Cardoso**

Angra do Heroísmo, 1973.

Licenciada em Línguas e Literaturas Modernas (Universidade dos Açores) e mestre em Estudos Culturais e Interartes (Faculdade de Letras da Universidade do Porto) com a dissertação «Se bem me lembro: Introdução à crónica televisiva de Vitorino Nemésio».

É diretora da Biblioteca Pública e Arquivo Regional Luís da Silva Ribeiro, de Angra do Heroísmo.

Vitorino Nemésio | Obra Completa



ISBN 978-972-27-2740-2



9 789722 727402



**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L



COMPANHIA  
DAS ILHAS